



## O PARQUE HOTELEIRO NOS ESTORIS COSMOPOLITAS, 1930-1939

**Cristina Carvalho**

*Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE)*

Considerando a perceção do parque hoteleiro no eixo costeiro Cascais-Estoril durante a década de 1930, cumpre começar pela sede concelhia, onde foram obscuras as funcionalidades do edifício Riviera Palace, sito no atual edifício da Câmara Municipal, entre 1918-1932<sup>1</sup>, havendo ainda duas pensões: a Grande Globo e a Oceano. Em 1936, reportava-se o ensejo de construção de hotéis na Praia da Conceição e no Guincho<sup>2</sup>. Contudo, apenas nas décadas de 50 e 60 surgiriam unidades na Bateria Alta (a Fortaleza do Guincho, de 1956<sup>3</sup>) e na Bateria da Galé (a Estalagem Muchaxo, de 1964<sup>4</sup>).

Focando-nos no Monte, no início do século XX um dicionário indicava que, “no Mont’Estoril há dois bons hotéis: o Grande Hotel, que se inaugurou a 1 de Agosto de 1898, e o Hotel d’Italia, que se estabeleceu pouco depois.<sup>5</sup>” Nos Anos 30, o Grande Hotel era conhecido pelo nome do fundador, o Senhor Estrade, sendo então Manuel González Fernandez o proprietário-gerente

que, em 1936, efetuou melhoramentos, ascendendo a unidade à 1ª classe<sup>6</sup>. Por seu turno, o Hotel d’Italia acompanhou as sociabilidades coevas ao inaugurar, em 1928, chás-concerto dançantes<sup>7</sup>; o recinto sofreria profunda remodelação entre 1943-1945, somando-se um piso e alterando-se a designação para Monte Estoril Hotel<sup>8</sup>. José F. Travassos foi um dos vultos coevos cuja formação empírica se devera aos 24 anos que ali laborara, abrindo, em 1927, a Pensão Zenith na Rua de Belmonte.<sup>9</sup>

Quanto ao Hotel Miramar, a 29 de Abril de 1929 a Firma Allen Lda. solicitou permissão para alargar o terraço e embelezar a entrada<sup>10</sup>. Em 1934, o estabelecimento acolheria o mais ilustre hóspede espanhol de então; a escolha do exilado José Sanjurjo y Sacanell (1872-1936), Marquês de Riff, justificava-se por ser o único equipamento de 1ª classe<sup>11</sup> e pertencer a sócios espanhóis: Ricardo Allen, Salvador Vilanueva e Ventura Garcia Rodrigues<sup>12</sup>. Os crescentes fluxos de refugiados-conspiradores levariam o Miramar a colaborar com a Pensão Boaventura: sediada a poucos metros, no Chalet Madalena, o edifício pertencia a Garcia Rodrigues, que o ampliaria para complementar a unidade principal, conservando-se, no Arquivo His-

tórico e Municipal de Cascais, os “registos de hóspedes a partir de 1937”.<sup>13</sup>

A meio caminho entre Monte e Estoril, mergulhe-se no Atlântico, unidade aberta em 1932<sup>14</sup>; um ano depois, o Conselho Nacional de Turismo (CNT) aprovaria a ampliação da Pensão-hotel Atlântico<sup>15</sup>. O requerimento de 30 de Agosto de 1933 da Stellamare S.A. para expansão do complexo indicava Manuel António da Cruz como o construtor-civil encarregue da obra, a qual anexava ao antigo Palacete Barahona uma ala (à esquerda da entrada), sobre o oceano<sup>16</sup>. A partir de 1934, a unidade dos holandeses Vera e Ferdinand Mouths destacar-se-ia pela clientela germânica graças ao pai do dono-gerente que a promovia na Alemanha<sup>17</sup>. Recordem-se as estadas da Baronesa Carola von Oertzen de Ilhenburg, “representante e colaboradora de alguns dos melhores jornais de Berlim<sup>18</sup>” e do Príncipe Guilherme, em Abril de 1935, acompanhando o 1º cruzeiro estatal alemão da Kraft durch Freude (KdF)<sup>19</sup>. O apelo junto do governo sobre a aproximação à nação germânica revelar-se-ia, entre outros, em dois exemplos oficiais: o primeiro concerne a palestra Turismo e Portugal – A Indústria do Turismo, proferida por J. Duarte Ferreira

aquando do I Congresso da União Nacional<sup>20</sup>, na qual apelava à criação de uma Casa de Portugal na Alemanha<sup>21</sup>; o segundo recorda que os hoteleiros dos Estoris solicitariam ao Ministério dos Negócios Estrangeiros um acordo de turismo, de modo a facilitar o intercâmbio de visitantes, por naquele país haver muita procura sobre a oferta portuguesa.<sup>22</sup>

Em Abril de 1936, noticiar-se-ia o aval do CNT à ampliação do estabelecimento<sup>23</sup>, o qual passaria a ter 150 quartos de dormir e de banho<sup>24</sup>; na memória descritiva do requerimento salientamos a renovação do terraço central da frente Sul, por já não suportar “o movimento de hóspedes e passantes”<sup>25</sup>. A obra a cargo do construtor-civil Alfredo António de Figueiredo foi executada em duas fases “para assegurar a manutenção e continuação do bom funcionamento do serviço do Hotel”<sup>26</sup>. Em 1938, o agora saudoso Hotel Atlântico teria a bandeira nazi hasteada e, em 1939, seria adquirido por António Maria Lopes, que o submeteria a obras e re-abriria em Agosto de 1940.<sup>27</sup>

Rumando ao Estoril, começemos a visita mental recuperando as unidades designadas por Hotel Paris. A primeira fora erigida por José Viana da Silva Carvalho em finais de Oitocentos, junto à via-férrea<sup>28</sup>, onde hoje se encontra o Posto de Turismo, seguindo-se outra, por Luís Vergani, perto da Pastelaria Garrett<sup>29</sup>. A 11 de Julho de 1924, este hoteleiro suíço requeria aval para que Domingos Teixeira dos Santos edificasse novo projeto aprovado

em sessão camarária; o terceiro hotel denominado Paris seria estabelecido entre a Marginal e Avenida dos Bombeiros Voluntários<sup>30</sup>. A 5 de Maio de 1928, Vergani requereu permissão para aumentar o hotel onde vivia<sup>31</sup> e, em Julho de 1930, o Ministério das Finanças isentou-o de contribuição predial e industrial, por dez anos.<sup>32</sup>

Quanto ao Hotel do Parque, recorde-se que a primeira atração inaugurada do projeto de Fausto Figueiredo foram as termas, a 25 de Agosto de 1918 (em fase de acabamentos)<sup>33</sup>. O hotel anexo resultou de versão simplificada pelo arquiteto Silva Júnior do plano original de Henri Martinet, tratando-se de unidade de 2ª categoria destinada a uma clientela mais abrangente que o exclusivo Palácio. Em Julho de 1929 publicitar-se-ia a exposição da baixela Christofle adquirida pelo equipamento que, em breve, abriria ao público<sup>34</sup>; o banquete inaugural seria presidido pelo Tenente António Cardoso (Administrador do Concelho)<sup>35</sup>. Pouco referido pela Imprensa, o momento alto decorreu em 1937, devido ao almoço oferecido pela Sociedade Estoril-Plage à Legião Portuguesa por ocasião do 11º aniversário do 28 de Maio<sup>36</sup>. O pico da glória do evento foi a presença do (esquivo) Chefe de Governo, Oliveira Salazar, que, após os atentados bombistas de Janeiro, se exibiria a almoçar com quatro rapazes da Mocidade Portuguesa (de idades e proveniências geográficas distintas), que hospedara em sua casa.<sup>37</sup>

Sito a poucos metros, o Hotel de Inglaterra fora delineado por Silva Júnior como Pa-

lacete Alexandre Nunes Sequeira. Este fora o “primeiro edifício particular construído no Parque Estoril”<sup>38</sup> e, em 1918, publicar-se-iam detalhes do projeto de três pisos, dois dos quais à superfície. Face ao sucesso da estância Estoril, em meados dos Anos 30, o edifício seria ampliado e adaptado a novas funções<sup>39</sup>; ainda hoje impressiona pelo exotismo de linhas, tal como a Bom Refúgio Guest House, na Avenida Nuno Álvares Pereira. Inaugurada em 1936, a estrutura hoje arruinada preserva alguma imponência na fachada, dignificando os predicados de anúncios como aquele onde se ofereciam “[a]ppartments and rooms all with private bath-rooms, telephone and central heating... spacious garden and garage.”<sup>40</sup>

Termine-se com o Splendid Hotel, cuja ideia brotara de Policarpo Anjos, irmão de Carlos Anjos, ambos membros da Companhia do Monte Estoril. Esboçado por Ventura Terra, o plano de 1903 falharia pela incapacidade de reunir-se “os trezentos contos em que orçava a construção.”<sup>41</sup> Em Fevereiro de 1936 reportava-se o embaraço da Casa de Portugal em Londres perante o volume de procura sobre a capacidade de alojamento dos Estoris<sup>42</sup>, ao que a demanda dos hoteleiros por apoio estatal resultaria, em Agosto de 1936, na exposição de maquete, no Hotel Avenida Palace, em Lisboa, do novo Esplêndido Hotel que Pardal Monteiro delineara<sup>43</sup>. Contudo, esta segunda tentativa de construção também não vingaria. ■

1 - António Carvalho e Conceição Santos (coord.) - *A Casa dos Azulejos de Cascais - de Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2009, pp.48-49.

2 - Cfr. *O Estoril*, 24 de Maio de 1936, p.2; Idem, 25 de Dezembro de 1936, p.10.

3 - José D'Encarnação, *Recantos de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2007, p.261.

4 - *Cascais e Seus Lugares - Boletim da Junta de Turismo de Cascais*, Cascais, Junta de Turismo de Cascais, Nº19, Fevereiro 1965, s/p.

5 - João Romano Torres (ed.) - *Portugal - Dictionário Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*, Vol. III D-K, Lisboa, 1907, p.220.

6 - *O Estoril*, 25 de Abril de 1936, p.2.

7 - *Casino*, 11 de Outubro de 1928, p.23.

8 - Cfr. *Viagem*, Agosto de 1945, p.17; *Apointamentos para a História de Cascais e Oeiras*, s/l, s/e, s/d, s/p.

9 - *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.11.

10 - AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2945.

11 - Cf. Decreto-lei nº23:516 de 27 de Janeiro de 1934.

12 - *O Estoril*, 9 de Novembro de 1935, p.2.

13 - António Carvalho (coord.) - *Conservatório de Música de Cascais - Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras: Roteiro/Guide-book*, trad. Miguel de Castro Henriques, s/l, CMC, 2008, p.28.

14 - AHMC/AACD/JTCE - Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 22 de Julho, p.25v

15 - *Indústria Portuguesa*, Novembro de 1933, p.71.

16 - AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3947.

17 - *O Estoril*, 11 de Março de 1934, p.1.

18 - Idem, 12 de Março de 1934, p.1.

19 - *O Século*, 27 de Abril de 1935, p.5.

20 - *ACP*, Maio de 1934, suplemento.

21 - *Indústria Portuguesa*, Abril de 1935, p.65.

22 - *O Estoril*, 6 de Dezembro de 1936, p.1.

23 - *O Século*, 22 de Abril de 1936, p.9. Crê-se que o autor fora o arquiteto berlinense Lesser. Cf. José D'Encarnação - *Recantos de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2007, p.270.

24 - *O Estoril*, 25 de Abril de 1936, p.2.

25 - AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/4221 [folha 4].

26 - Idem [folha 5v].

27 - José D'Encarnação, *Op. Cit.*, p.270.

28 - João Romano Torres, *Op. Cit.*, p.220.

29 - Branca Gonta Colaço e Maria Archer, 1943 - *Memórias da Linha de Cascais*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Cascais e Câmara Municipal de Oeiras, 1999, p.298.

30 - AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2241.

31 - AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2703.

32 - Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº154 de 7 de Julho de 1930.

33 - João Miguel Henriques - *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol: Fundação, Desenvolvimento e Afirmção de uma Estância Turística (Cascais, 1850-1930)*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 2008, p.228.

34 - *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1929, pp.1-2.

35 - *Costa do Sol*, 1 de Setembro de 1929, p.14.

36 - *O Estoril*, 30 de Maio de 1937, p.4.

37 - Cfr. *Diário de Lisboa*, 30 de Maio de 1937, p.5; *O Estoril*, 6 de Junho de 1937, p.1 e p.4;

38 - *A Arquitectura Portuguesa*, Novembro de 1918, pp.41-44.

39 - “Ficha do Património Imóvel - Palacete Alexandre Nunes Sequeira, Hotel Inglaterra”, *Cascais Agenda Cultural*, nº51, Julho/Agosto de 2011, Câmara Municipal de Cascais (ed.), p.79.

40 - *O Estoril*, 15 de Novembro de 1936, p.3.

41 - João Aníbal Henriques - *Turismo no Estoril - Apointamentos para uma Visita ao Estoril*, Monte Estoril, Academia de Letras e Artes, 2011, p.143.

42 - *O Século*, 16 de Fevereiro de 1936, p.3.

43 - *Diário de Notícias*, 19 de Agosto de 1936, p.2.